

DENISE ROTHENBURG
deniserothenburg.df@dabr.com.br

Combustível

O governo respirou aliviado com os dividendos da Petrobras — R\$ 87 bilhões, dos quais R\$ 32 bilhões ficarão com a União. A avaliação entre os bolsonaristas é de que o presidente ganhou pontos com a redução no preço dos combustíveis e, agora, terá recursos para pagamento dos auxílios previstos na PEC das bondades, cujos benefícios ainda não surtiram efeito eleitoral.

Sigam o Lira!

No PL e no QG de Jair Bolsonaro, a ordem é seguir a linha que o presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), expôs em seu twitter: “Má notícia para os pessimistas de plantão! Estamos na contramão do mundo, mas isso é bom! Inflação em baixa, PIB em alta. Desemprego com a menor taxa dos últimos anos. Estamos trabalhando com o Brasil real, que vai prosperando, melhorando, avançando”, publicou.

Cada um no seu quadrado

A campanha de Lula montou um grupo especial para conversar com segmentos do eleitorado religioso de uma forma geral. Geraldo Alckmin cuidará mais dos católicos, enquanto Benedita da Silva focará nos evangélicos. A avaliação é que o petista ainda tem muito terreno a percorrer nessa faixa do eleitorado.

Deu ruim

O vazamento do atestado médico que a deputada Paula Belmonte (Cidadania-DF) apresentou para justificar sua ausência à reunião da federação PSDB/Cidadania, inviabilizou qualquer reaproximação entre ela e o senador Izalci Lucas (PSDB-DF). Paula é considerada por quem a conhece “uma leoa ferida”.

Sem “carona”

Com a profusão de cartas em defesa da democracia, como a da USP e a da Fiesp, empresários simpatizantes do governo têm dito em conversas reservadas que é bom o PT ficar atento, porque a chancela aos documentos não representa um voto em favor do candidato do PT, Luiz Inácio Lula da Silva. Representantes do MDB de Simone Tebet, por exemplo, e do PDT, de Ciro Gomes, vão se colocar como signatários do texto, até para evitar que haja uma leitura de apoio ao petista.

O PL de Valdemar da Costa Neto, para diluir o peso do documento como um recado direto ao presidente Jair Bolsonaro, vai colocar suas falas em favor das urnas, tal como a do líder do governo, Capitão Augusto, em defesa do sistema eletrônico de votação. Ele tem reforçado em todas as entrevistas que a urna é segura.

A ordem entre os bolsonaristas é sair desse tema e seguir para a economia — redução do preço da gasolina, por exemplo, onde eles consideram que Bolsonaro pode surfar.



CURTIDAS

Nas rodas de Brasília/ Os cientistas políticos, que sempre se reúnem para discutir o processo eleitoral, concluíram que o cenário está assim: quando Lula fala, Bolsonaro ganha. E quando Bolsonaro fala, Lula ganha. Está explicado o motivo de ambos serem avessos a um debate com os demais candidatos.

Por falar em Brasília.../ Lula foi ovacionado pelos estudantes ao caminhar pelo “Ceubinho”, apelido da entrada norte do Minhocão da UnB. Contava-se nos dedos os que passaram “batidos” — ou seja, sem levantar a mão com os dedos formando um “L”, marca da campanha, ou gritar um “Lula lá”.

Ed Alves/CB/D.A Press



Separados I/ O QG da campanha de Bolsonaro está preparando uma agenda solo para a primeira-dama, Michelle (foto). Ela já se dispôs a participar de encontro de mulheres e com o eleitorado evangélico, de forma a tentar reforçar a posição eleitoral do marido.

Separados II/ O candidato a vice, Walter Braga Netto, também terá agenda própria daqui para frente. Até porque, Bolsonaro terá dificuldades em agendas eleitorais durante a semana por causa do horário de expediente. No sábado, porém, estarão todos juntos em Montes Claros (MG).



Presidenciável depende de o MDB e o PSDB gaúchos se ajustarem para que os tucanos deem a ela o vice da chapa. Nova pesquisa de opinião, divulgada ontem, mostra que senadora foi a modestos 2% das intenções de voto

Domingo, o dia D para Tebet

» VINICIUS DORIA

A senadora Simone Tebet (MS) venceu com folga, na quarta-feira, as convenções dos partidos que dão sustentação à sua candidatura à Presidência da República — MDB, PSDB e Cidadania. Mas ainda não pode comemorar o sucesso da aliança. As próximas 48 horas serão decisivas para ela, que depende das negociações no Rio Grande do Sul para receber dos tucanos o nome do candidato a vice da chapa. O dia D para que os partidos se entendam é este domingo, quando MDB e PSDB gaúchos farão suas convenções estaduais.

O candidato tucano ao Palácio Piratini, o ex-governador Eduardo Leite, está com a vaga de vice reservada ao MDB, mas as duas legendas ainda não emitiram sinais de acordo. Na prática, sem a coligação no Rio Grande do Sul, a terceira via corre o risco de naufragar, mesmo que a cúpula do tucanato nacional mantenha a aliança com o MDB.

O preferido para compor a chapa de Tebet é o senador Tasso

Luiz Cervi



Tebet conseguiu representar MDB, PSDB e Cidadania na corrida eleitoral, mas desempenho não anima

Jereissati (CE), que disse a correliionários que não está disposto a seguir na empreitada. Nomes alternativos, como o das senadoras Eliziane Gama (Cidadania-MA) e Mara Gabrilli (PSDB-SP),

estão sendo testados, mas entusiasmas pouco. Sem Tasso, a ala ligada à cúpula do tucanato defende a indicação do ex-senador José Aníbal para dar peso à chapa.

Dificuldades

Pré-candidato do MDB ao governo gaúcho, o deputado estadual Gabriel Souza protocolou seu nome para disputar a

indicação na convenção do partido. O gesto, porém, não é visto como dissidência. Ele e o presidente da legenda, Baleia Rossi (SP), articularam nos bastidores a aprovação de uma moção “em favor da aliança entre o MDB e a federação PSDB-Cidadania no Rio Grande do Sul”.

Em nota, a direção emedebista salienta que “a iniciativa visa ratificar” o acordo nacional formado pelos partidos no sentido de “alinhar uma chapa do centro democrático no estado e no Brasil”. Dessa maneira, Souza passa a ter mais um argumento para abrir mão da candidatura e aceitar a vaga de vice na chapa de Eduardo Leite.

A última pesquisa de intenção de votos para o governo gaúcho, divulgada ontem, reforça a viabilidade eleitoral do ex-governador gaúcho e serve de estímulo para a adesão do MDB. Leite aparece à frente do candidato do PL, o ex-ministro do Trabalho e Previdência Onyx Lorenzoni, apoiado pelo presidente Jair Bolsonaro (PL), apesar de estarem tecnicamente empatados — 29% contra 24%, com três pontos percentuais de margem de erro.

O apoio a Leite, articulado pelo coordenador da campanha de Tebet, Germano Rigotto, e pelo ex-senador José Fogaça, também foi defendido por 52 dos 60 prefeitos do MDB no Rio Grande do Sul.

Os principais entraves à aliança vêm do prefeito de Porto Alegre, Sebastião Melo, que pretende se candidatar à reeleição com apoio de emedebistas históricos. Ele, inclusive, publicou uma carta aberta, na última terça-feira, na qual declara que “abrir mão da candidatura própria é renunciar à nossa história e comprometer o futuro do Rio Grande”. A ala ligada ao bolsonarismo no estado, que tem o ex-ministro Osmar Terra como nome mais conhecido, tem pouca força dentro do MDB para mudar esse quadro.

A última pesquisa DataFolha, divulgada ontem, decepcionou os apoiadores de Tebet, que esperavam ver um avanço mais expressivo da senadora nas intenções de voto. Ela aparece com 2% da preferência do eleitorado, um aumento de apenas um ponto percentual em relação à pesquisa anterior, feita no fim de junho.

Tucanos lutam para manter controle de SP e RS

Com os cenários eleitorais se definindo regionalmente, o PSDB luta para manter o protagonismo em, pelo menos, dois estados: São Paulo e Rio Grande do Sul. O presidente da legenda, Bruno Araújo, trabalha intensamente para viabilizar, até amanhã, o acordo com o MDB para montagem do palanque gaúcho, em torno da candidatura do ex-governador Eduardo Leite.

Mas é em São Paulo que os tucanos vão para o tudo ou nada. A reeleição do governador Rodrigo Garcia é a prioridade número um do partido, em uma disputa que pode furar a polarização entre Jair Bolsonaro (PL) e Luiz Inácio Lula da Silva (PT), que apoiam candidaturas competitivas na corrida ao Palácio dos Bandeirantes.

Ainda pouco conhecido do

eleitorado paulista, Garcia conta com a máquina do PSDB, que domina o estado há mais de duas décadas, e com o apoio formal de partidos fortes, como o MDB, que deve indicar o vice, além do União Brasil e do PP. O tucano conseguiu rachar o PL — que aposta na candidatura do ex-ministro da Infraestrutura Tarcísio de Freitas — e o Republicanos, com dissidências que

podem minar o candidato bolsonarista. A convenção do PSDB paulista é amanhã.

Os movimentos de Garcia avançam para o lado direito do espectro político, no sentido de consolidar o nome do governador como principal força para enfrentar o candidato da coligação de esquerda, Fernando Haddad (PT), cujo maior cabo eleitoral é Lula. O ex-ministro da

Educação lidera as pesquisas de intenção de votos e não é visto como o maior alvo dos tucanos. A estratégia é tirar Tarcísio do segundo turno para amealhar os votos antipetistas em um embate com Haddad.

Para diminuir a rejeição, sobretudo no interior, o petista conta com a participação do candidato a vice-presidente na chapa de Lula, o ex-governador

Geraldo Alckmin, e do candidato ao Senado, o também ex-governador Márcio França, ambos do PSB. Aposta na “moderação” dos dois para avançar sobre o eleitorado que não é de esquerda, mas não se anima com Tarcísio e Garcia. Segundo as últimas pesquisas, os dois estão empatados em segundo lugar, com metade das intenções de votos de Haddad. (VD)